

Onde procurar o (anor)mal?¹

Marcelo Veras

O massacre de Newtown, cidade tranquila de Connecticut, onde um rapaz de vinte anos assassinou vinte crianças e seis adultos, levou a administração de Obama a abrir um debate sem precedente sobre a interpretação da Segunda Emenda da Constituição Americana: "Sendo necessária uma milícia bem organizada para a segurança de um Estado livre, o direito do povo de ter e de portar armas não será transgredido".

Assim, o Outro tal como consta nos direitos reconhecidos pela constituição tenta avaliar o real de uma violência insensata, que divide cada um dos americanos entre o peso dos ideais e a descoberta do "sem limites" da pulsão de morte. As imagens desse massacre são indissociáveis de uma reflexão sobre o mal. Penso em Levinas e sua interrogação sobre a face do mal na sociedade contemporânea. O debate sobre a origem do mal é colocado novamente nos Estados Unidos onde se busca respostas diante da incomensurável singularidade de uma decisão ética: ética, metafísica, real? As respostas inquietam tanto quanto as questões.

Em um de seus artigos recentes, Gina Kolata, jornalista científica do *New York Times*, aborda a complexidade de certas interpretações provenientes da pesquisa sobre o genoma, que visa encontrar no sequenciamento genético a resposta aos horrores tais como o massacre de Newtown².

A ideia de localizar o mal nas anomalias da origem não é nova. Trata-se de uma saga que atravessa os séculos e reaparece em cada progresso tecnológico. Busca-se uma

escritura científica que possa apagar a contingência que há em toda decisão ética. Conserva-se ainda a lembrança de um dos capítulos mais sombrios do eugenismo na América, quando na primeira metade do século passado, sessenta mil americanos foram esterilizados contra sua vontade por causa de retardamento, de doença mental ou de comportamentos "socialmente inaceitáveis", tais como a prostituição ou a delinquência. Esses fatos são descritos por Philip Reilly em um livro onde ele cita o discurso do presidente da Corte Suprema da Administração Roosevelt:

Seria melhor para todos se, em vez de esperar que os degenerados cometam crimes para serem executados ou que eles se deixem morrer de fome em consequência de sua imbecilidade, a sociedade pudesse eliminar aqueles que são manifestamente incapazes de prolongar a espécie. O princípio que torna a vacinação obrigatória seria suficiente para prescrever a ligadura das trompas de Falópio³.

Tratando a anomalia como um vírus responsável pelo mal, o homem "normal", assim reificado, aparece como o duplo do homem de bem. Tudo que foge à normalidade é uma ameaça. No entanto, quando o mal surge na mais calma das cidades americanas, a ameaça é ainda mais grave, pois ela mostra que o véu da normalidade não é um abrigo perfeito contra o mal. Como qualquer acontecimento real, leva algum tempo para que massacres, como aquele de Newtown, se tornem semblantes. Ocorreu o mesmo quando as torres gêmeas foram derrubadas. O mundo ficou tão perplexo que, ainda hoje, uma grande parte da população ocidental pode se lembrar exatamente onde estava e o que estava fazendo no momento traumático em que ouviu a notícia. Aquele momento ficou marcado precisamente por ter escapado às coordenadas simbólicas e ter explodido no real.

Assim, é por encontrar um semblante cobrindo a irrupção do mal que os pesquisadores da Universidade de Connecticut querem, agora, analisar os genes de Adam Lanza,

o jovem autor do massacre, e se munir de indicadores genéticos que associariam a sua passagem ao ato a um cálculo preditivo do real. É o que pensa, desse caso, o Dr. Arthur Beaudet, presidente do departamento de pediatria e de biologia molecular e celular do Baylor College of Medicine de Houston. Segundo ele, assassinatos como aqueles de Virginia Tech, Columbine ou Newtown "estão de tal modo longe da normalidade que eles possuem provavelmente uma base genética"⁴.

Os Americanos estão divididos entre aqueles que reconhecem os perigos de uma sociedade cada vez mais armada e aqueles que buscam o mal como uma doença que possa ser identificada e tratada. Os efeitos sobre a política de saúde mental não tardaram. Não é fácil enfrentar o poderoso lobby da NRA (National Rifle Association⁵) que nega toda a responsabilidade e propõe, a partir desses atos isolados de violência, intensificar a elaboração de protocolos de periculosidade das doenças mentais. Depois de Newtown, pelo menos seis Estados empreenderam uma revisão dos seus dispositivos de saúde mental. O Estado de New York foi além. Uma nova lei, assinada em 15 de janeiro último, obriga os clínicos da saúde mental a prevenir as autoridades em casos de pacientes potencialmente violentos. A *School Threat Assessment Response Team Program*, ligada diretamente ao Serviço Secreto dos Estados Unidos, dirigida por Dr. Beliz, é agora um extenso programa de conexão entre a saúde mental e os serviços secretos americanos, que tem por objetivo identificar as potenciais ameaças nas escolas americanas⁶.

Novas luzes, velhas sombras

Um estudo recente publicado na *The Lancet* nos permite refletir sobre a situação atual da psiquiatria. Nesse artigo, financiado pelo importante NIH (National Institute of Health), pesquisadores alegam ter encontrado um mesmo

marcador genético nos cinco principais transtornos psiquiátricos atuais: transtornos do espectro autista, hiperatividade e transtorno de déficit de atenção, transtorno bipolar, depressão maior e esquizofrenia⁷. Para aqueles que apostam nas causas genéticas das doenças mentais, o artigo representa um passo importante, os resultados não seriam desprezáveis e nem poderiam ser ignorados, nem mesmo pelos mais ardentes defensores da causalidade psíquica dos estados mentais. O estudo compreende nada menos que 33.332 casos e 27.888 casos de controle analisados; sua amplitude é, então, monumental.

Todavia, esse artigo ameaça, sobretudo, a febre taxonômica da psiquiatria do *DSM*. Uma vez identificada uma base genética comum, tratar-se-á, concluem os autores, de proceder uma reconsideração dos diagnósticos psiquiátricos. Assim, a nova versão do espectro genético anuncia, doravante, além do simples "espectro autístico", os fundamentos de um mundo do "espectro generalizado".

Nenhuma genética séria ousaria dizer que um dado genético isolado seria capaz de determinar um efeito sobre o comportamento humano⁸. Embora digam frequentemente os não cientistas, o determinismo biológico levado ao extremo, que sugere que um único gene poderia causar uma doença mental, é uma ideia totalmente obsoleta⁹. Mas, para o grande público, a ideia que prevalece é que os cientistas procuram o gene da violência, da homossexualidade, etc. Recentemente, os comentários do psicólogo e pastor Silas Malafaia sobre a base genética da orientação sexual (visando condenar a escolha homossexual) foram retomados massivamente pela imprensa brasileira e provocaram um vivo manifesto da Sociedade Brasileira de Genética se opondo ao pastor nestes termos: "Este aspecto do comportamento humano é resultado de uma interação complexa entre os genes e o ambiente, não tendo nenhum dos dois um papel determinante por si mesmo"¹⁰. Pode-se criticar certos aspectos a

propósito desta Sociedade¹¹, mas parece bem possível estabelecer um diálogo entre os psicanalistas e os geneticistas, o que seria muito pouco provável com certas pessoas de posições muito impregnadas de preconceitos, como aqueles do pastor.

Os progressos das teorias genéticas evidenciam que até mesmo a herança poligênica deve estar associada a efeitos ambientais e interativos, mas o fascínio pela ideia de que os comportamentos são causados pelo real do corpo está sempre presente. Novamente, em dezessete de março último, na *Folha de São Paulo*, o escritor Fernando Luiz Vianna, ele próprio pai de uma criança autista, criticou severamente os psicanalistas que culpabilizaram os pais de autistas, uma vez que, segundo ele, o autismo é "fundamentalmente genético".

As modificações genéticas ocorreram após milhares de anos, não há nenhuma evidência de mudanças biológicas significativas desde que o *Homo sapiens* apareceu há 50.000 anos. Entretanto, as alternâncias políticas, os avanços tecnológicos, a emergência de novos comportamentos e sintomas induzem mudanças a um ritmo desenfreado. É o que levou Stephen Jay Gould a identificar nessa evolução uma ruptura com a evolução darwiniana, própria às variações genéticas em si mesmas:

A evolução cultural pode avançar tão rápido porque ela vai contra a evolução biológica - então 'lamarquiana', pela hereditariedade dos caracteres adquiridos. O que uma geração aprende é transmitido a outra pela escrita, pela educação, pelos rituais, pelas tradições e todo um conjunto de métodos que os seres humanos desenvolveram para assegurar a continuidade da cultura¹².

Nada mais impressionante que os avanços da ciência genética nas últimas décadas. No entanto, é impossível explicar as mudanças no comportamento humano sobre bases

que são praticamente imutáveis desde que as primeiras civilizações surgiram na terra.

Penso que a psicanálise tem a obrigação de dialogar com a ciência, e não de lutar contra ela. É a ciência que nos mostra o real. Mas, tal como para a arte, a psicanálise não deve analisar a ciência. A ciência ensina a psicanálise. Promovendo a queda permanente dos S_1 , ela revela o horizonte onde jazem, não a subjetividade de nossa época, mas seus sintomas. O verdadeiro problema é o cientificismo, a promoção de falsas ciências que acrescentam ao real, fora de sentido da ciência, o peso dos ideais. Francis Galton, antropólogo, estatístico e meteorologista, era primo de Darwin. Ele levou a sério a tarefa de dar sentido às obras de seu ilustre primo, tendo sido pai de dois conceitos que, cem anos mais tarde, não cessaram de se inscrever na interface complexa entre ciência e moral: a psicométrica e o eugenismo¹³. A combinação desses dois pensamentos permitiu à sociedade definir qual é a norma e, em seguida, construir a segregação radical de tudo o que escapa à normalidade.

Parasitas

Há uma diferença fundamental entre o corpo da medicina e o corpo da psicanálise. Para a medicina, há o corpo saudável, e a presença de um parasita será sempre considerada como uma ameaça para este organismo. A cura, nesse caso, implica a supressão dos sintomas. Para a psicanálise, o ser se identifica ao sintoma, e a causa é um parasita de uma outra ordem. Esse parasita veio do Outro, e a contingência deste encontro muda a relação com a natureza. Trata-se de um parasita chamado linguagem. Neste caso, o remédio que permitiria eliminar o sintoma, teria por efeito secundário, como lemos nas bulas de alguns medicamentos: *exitus letalis*¹⁴.

¹ Texto originalmente publicado em *Lacan Quotidien*, nº 312, datado de 15 de abril de 2013. Disponível em: <www.lacanquotidien.fr>.

² KOLATA, G. (24/12/2012). "Seeking Answers in Genome of Gunman". In: *New York Times*.

³ REILLY, P. (1991). *The surgical solution: a history of involuntary sterilization in the United States*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

⁴ KOLATA, G. Op. cit.

⁵ Esta associação, segundo as palavras do Dr. Jeffrey A. Lieberman, presidente eleito da American Psychiatric Association (APA) é muito mais poderosa que todos os lobbies da saúde mental. A NRA sustenta a tese de que o massacre de Newtown foi causado por uma doença mental e não pela posse de armas semi-automáticas. Cf. GOODE, E. (31/01/2013). "Focus on Mental Health laws to curb violence is unfair". In: *New York Times*.

⁶ GOODE, E. (14/03/2013). "Focusing on violence before it happens". In: *New York Times*.

⁷ "Identification of risk loci with shared effects on five major psychiatry disorders: a genome-wide analysis". (17/03/13). In: *The Lancet*. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(12\)62129-1/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(12)62129-1/fulltext)>.

⁸ VERAS, P. (24/11/2012). "Ce que la Science ne peut pas lire". In: *Lacan Quotidien*, nº 253. Disponível em: <<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2012/11/LQ-253.pdf>>.

⁹ Esta ideia teve grande repercussão no início do último século com os trabalhos de Goddard sobre a base genética do retardo mental e da criminalidade. Cf. GODDARD, H. H. (1922). *The criminal imbecile: an analysis of three remarkable murder cases*. Macmillan Co.

¹⁰ Cf. manifesto completo no site da Sociedade Brasileira de Genética. Disponível em: <<http://sbg.org.br/2013/03/manifesto-da-sociedade-brasileira-de-genetica-sobre-bases-geneticas-da-orientacao-sexual/>>.

¹¹ Por exemplo, quando o manifesto diz "Não há nenhuma prova de uma variável ambiental que possa modificar de modo permanente a orientação sexual do indivíduo".

¹² JAY GOULD, S. (1991). *A falsa medida do homem*. Martins Fontes, p. 347.

¹³ GALTON, F. (1884). *Hereditary genius*. New York: D. Appleton.

¹⁴ N.T.: *exitus letalis*: "morte fatal".